

# E . L . A (lice) e Ela (Rainha das Rosas)

Por Ana Leonor Freire Branco

Acho que não sei dizer...Quando lá estiver as palavras tornam-se autónomas ? Espero que se tornem autónomas. Quero que saiam sem que eu as domine. Posso fazer isso ? E se elas me sugarem ? E se de repente me dominarem. Não vou ser dominada! ...Vou começar por aqui. Mas isto é uma decisão...Não quero que seja uma decisão. Quero deixá-las ir sozinhas...vão! Eu cheguei e...não estava lá ninguém. Ninguém, como não ver ninguém, não ouvir ninguém, não sentir ninguém. Não havia. Não estava. Era um quarto grande. Atrás de mim, nem portas, nem paredes. À direita uma cama, alta, sem vestígio de gente. À esquerda, outro quarto, não separado deste, mas eu sabia que era outro quarto. Tinha outra cama, grande, arrumada, como a primeira. Sabia que esta não era a minha. A minha era a outra, virada para a porta de vidro, por baixo da campânola de vidro. Estava sol, mas não era luz de sol. Era misturada com luz de ramagens. Vía algumas ramagens do outro lado da porta, porque era de vidro. O outro lado da porta era esverdeado. A porta estava semi-cerrada. Podia abri-la, ou explorar o resto da casa. Não concebia resto de casa, mas se havia quartos, tinha de existir casa. Se calhar havia habitantes, porque quando há quartos, há habitantes. Conseguia ver o que havia do outro lado da porta. Era de vidro, não precisava de buraco da fechadura. Eu era o meu próprio buraco de fechadura. Mesmo assim, mesmo assim, quis entrar por ela, ou sair por ela. Abandonava deste modo o quarto, deixava a casa cuja existência era alimentada pela única certeza improvável de encontrar mais por de trás do quarto sem paredes. Seria levada pela urgência de encontrar alguém? Porém na casa o encontro também não parecia de todo excluído. Não quero saber, não quero saber! Não quero explicar!...E saí.

Quando não se vai dar a lugar nenhum, só se tem duas soluções: ou se continua a não ir dar a lugar nenhum, ou se vai dar a algum lado...Repetiu a frase algumas vezes para si mesma. Dois passos depois, reconsiderou a conclusão a que tinha chegado. Estava errada. Tanto se pode ir dar a lugar nenhum, como a algum lado, como a nenhum lugar, ou a lado algum. Mas, ir dar a nenhum lugar, não implica dar a lado algum? E não ir dar a lugar algum, não significa não chegar a lugar nenhum? Os passos avançavam calmamente, sem que os olhos pretos dessem por isso.

Foi o ouvido o primeiro a sentir. Chamava-o já perto o branco de algumas chávenas. Os pés pararam e, com eles, as pernas. E.L.A escolheu uma cadeira, embora só lá estivesse uma. À sua frente, apenas um carrocel. Estava parado, mas as cores eram de carrocel, por isso era carrocel. Por baixo da saia do cume, só quatro mesas, cada uma só com dois lugares, só um deles ocupado. Um Sacher Torte em cada. Não deviam ter reparado nela. Ninguém lhe perguntou nada e quando se repara, pergunta-se. E.L.A ainda estava na dúvida se devia considerar que tinha ido dar a nenhum lugar e portanto a algum lado, ou se devia antes pensar que por ter chegado a algum lado, não estava em lugar nenhum. No entanto, ouviu uma melodia que logo a fez mudar de assunto...

-Tu não és um carrocel!! Exclamou.

-É claro que sou um carrocel!, retorquiu-lhe a dançarina.

-Não! A música diz que te chamas Mary! **Um** carrocel não se pode chamar Mary!

-Olha miudinha, primeiro, em Inglês um carrocel chama-se “Merry go round”. É Merry, não Mary! Para além disso, podes sempre optar por pensar que carrocel vem de Carol e este nome é muitas vezes apelido. Portanto, tanto pode remeter para um homem como para uma mulher. Mas nem sei porque é que te estou a explicar isto. Não reparei em ti, não perguntei nada. Também não reparaste em mim, não perguntaste nada.

É verdade, E.L.A não perguntou, o/a Carrocel também não e uma conversa não pode ser travada sem que ambos os emissores reparem um no outro. Sem existência, como poderiam falar? Imediatamente os olhos vivos dE.L.A voltaram a desaparecer por de trás do castanho. Se E.L.A não tinha reparado em Mary, devia estar a falar com ninguém, o que subentendia estar a não falar com alguém. Mas o mesmo se passava com Mary. Ou E.L.A era alguém com quem Mary não estava a falar, ou E.L.A era ninguém com quem Mary estava a falar. Mas depois pensou que ambas podiam ser ninguéns à conversa, o que implicaria silêncio falado, ou antes ninguéns calados, o que mais uma vez resultaria em conversas de silêncio. Ponderou também a hipótese de não ser ninguém com quem Mary não estivesse a falar, mas ser ninguém com quem não se fala, é ser alguém com quem se está calado. Logo, exige reparo. Corrigiu então o seu raciocínio prévio, ainda que a sua teimosia não cedesse completamente : quando se repara pergunta-se, nem sempre com palavras. Mãos, olhos, braços, pernas também perguntam. Regozijava-se com esta nova conclusão, quando E.L.A viu rodopiar o carrocel. Dir-se-ia que o fumegar do chá de erva, de dentro do branco das chávenas, era o responsável pelo remoinho da saia do topo. Das mesas soltavam-se faíscas estaladiças. E.L.A conseguiu agarrar uma. Trincou-a, uma e outra vez, enquanto o azul dos seus olhos assistia ao desfilar da refeição dançante.

Numa mesa, um Sacher Torte permanecia aparentemente indiferente à Torta com amêndoas e à “Kastella Japonesa” que tentavam em vão espicaçá-lo para encontrar o ponto. No entanto, nem as natas frescas da primeira, nem o mel e o leite condensado da segunda, pareciam suficientes para fundir a espessa camada de chocolate do arrogante cavalheiro. Pretendia manter o litígio da sua receita. Levava açúcar peneirado e, desde a primeira dentada, sabia ser o bolo de chocolate mais cobiçado no mundo. Como tal, recusava deixar-se provar, embora sob as suas fofas claras em castelo se deliciasse com o ar ávido das duas pretendentes. Estas, por sua vez, não permitiam que a massa descansasse. Antes pelo contrário, desafiavam-se mutuamente. Se a Torta adoçava o Bolo com icing sugar, a Kastella tentava incendiá-lo com rum. Cada vez mais resplandecente de orgulho, o Sacher Torte deixava por vezes sorrir uma amêndoa, mas antes que um dos garfos das duas sobremesas tivesse a oportunidade de beijá-lo, envolvia a sua massa em farinha para não desenformar.

Encantada com a irreverência do Bolo por quem também se sentia tentada, Mary rodou; revolução esta que o olhar dE.L.A acompanhou. Avistava agora um segundo Sacher Torte, talvez menos rico em creme de cobertura do que o precedente, mas certamente com bem mais de meia colher de chá de extracto de baunilha. Uma Tarte de Merengue pedia-lhe licença para se sentar à sua mesa. Tinha a massa quebrada, dizia para se justificar. Não teria sido necessário nenhum pretexto. O Bolo tinha-se

perfumado prepositadamente com doce de alperce para atrair garfadas. Ainda que tivesse digerido há pouco tempo o fantasma do passado em que a manteiga lhe havia batido e que o sumo de limão da Tarte lhe fizesse recordar a sua passada experiência amarga, atraía-o a dama merengada pelos castelos que sustinha no ar. Assim, Mary não tinha ainda acabado de completar a primeira volta e já o chocolate deste Sacher Torte se derretia pelas espirais quentes e douradas da Tarte. Após algumas dentadas e fatias sedutoras de ambos, o casal formava uma combinação exímia de sabores contrastantes.

Perto desta mesa com gosto a fusão arriscada, encontrava-se uma outra, onde uma “Genoise” de Ameixas Frescas discutia com um terceiro Sacher Torte. Comentava o facto de alguns cozinheiros lhe pedirem para alterar os seus ingredientes. Sentia-se despedaçada! Como preferir tiras de maçã a ameixas?! A “Genoise” obstinada recusava deixar pôr comida de plástico na sua forma arredondada. Queria-se autêntica! Considerava-se parte integrante de ementas requintadas que não se deixariam inebriar por papilas gustativas seduzidas por apetites rápidos O Bolo, ora a escutava divertido, ora esbracejava efusivamente, palpitava sem perder consistência. Era sem dúvida o mais irrequieto. Reflectia vida, vigor. Fruto de um cozinheiro inventivo, encontrava-se ensopado em brandy, e decorado com nozes, cerejas cristalizadas e almofadas de chantilly despenteadas. De quando em quando, colhia uma ou outra das suculentas ameixas vermelhas que se desprendiam de uma das duas camadas de gomos da sua amante e envolvia-as em folhas de chocolate crocante. Depois, respondendo a exigências impulsivas do paladar, explodiam ambos os polmes em sorrisos de migalhas afrodisíacas.

Sentado aleatoriamente numa quarta mesa, um outro Sacher Torte? O mesmo? E.L.A não conseguia que se tornasse mais definida a imagem do chá turvo. Este quarto Bolo dava goles pausados no chá. Tudo nele tinha aroma a dispersão. A cobertura mergulhava dentro da chávena, o recheio libertava-se em ondas de doce, alternadas com lava de amêndoas. Rendida ao mistério deste Sacher, uma “Strudel” de Sementes de Papoila decidira ocupar o lugar vago à sua frente. As passas semeadas e a canela que a compunham não passavam despercebidas. No entanto, nada era dito. O Bolo parecia absorto no seu próprio fudge, a Strudel observava o esvoaçar das sementes que vira tornar papoilas. Por vezes, um dos dois largava uma gargalhada, o que desencadeava no outro a mesma reacção.

Mary estava ciumenta! No seu próprio prato giratório observava o seu Bolo favorito ser petiscado pelas iguarias que convidara! Que guardanapo! Enfureciam-na os comportamentos lambuzados dos últimos Sacher Torte, das respectivas apreciadoras e de todas as outras sobremesas caramelizadas que, embora sem cadeira, desfilavam por entre as mesas, tentando atijar os cavalheiros estimulantes com insinuações gulosas. Tomou então a palavra.

-Cccccchhhhhhega!!!! Acabou-se!! Escuzam de olhar para mim com esses olhos melosos! Mesmo debaixo da minha saia! Que falta de chá!

Os doces desfaziam-se em risinhos. Falta de chá não era com certeza! Enfurecida, Mary parou de rodopiar.

Foi então que os olhos dE.L.A se confundiram. O carrocel esvaziara-se repentinamente. Onde teriam

ido parar as Tartes ? E os Senhores de chocolate? Resolveu aproximar-se. Mary parecia demasiado absorta nos seus monólogos de protestos, para reparar na sua presença. Timidamente, E.LA entrou no carrocel. As mesas, agora desertas, ofereciam-lhe as cadeiras “Toma, menina, senta-te !”. Todas as toalhas lhe puxavam a camisa: “Aqui! Aqui!”. Hesitante, permanecia em pé, quando Mary lhe berrou: -Então, é para hoje ou para amanhã ?! Não tenho o dia todo!

De facto, afinal havia uma única mesa, no centro do carrocel. Qual era a dúvida?! E.L.A sentiu-se aliviada e sentou-se. À sua frente, uma chávena sem bule, mas com chá. Que desilusão! Um mísero chá, depois de ter assistido ao desfile de deliciosas iguarias! Agora E.L.A hesitava mais uma vez. Devia ser isto que eles estavam a beber. Se bebesse, se calhar também desaparecia. Se não o fizesse, não sabia onde teriam ido parar os restos do lanche. Tentada pela imagem das camadas do Sacher Torte, arriscou!

Simultaneamente, Mary retomou a sua dança. Primeiro, rodava, lentamente, tão lentamente que E.LA já não distinguia o movimento do seu pestanejar do percurso da bailarina. Não entendia se o jardim à sua volta oscilava, ou se era apenas um velho cartaz, pano de fundo de uma antiga gelataria, fascinante, mas assustador porque prometedora de vida desconhecida. Depois, mais rapidamente, cada vez mais rapidamente. Já não havia jardim, ou cartaz, só cores, verde e rosa e amarelo que ganhavam uma consistência absurda; como se muitos lençóis abertos no ar se misturassem com tintas não totalmente diluídas. Eram cores fluídas, mas passíveis de serem agarradas. Blocos líquidos de cores. Cores flores, cores castelos, cores casacos gigantes com pés de corcodilo, cores úteros, cores sexuais, cores animais-libélulas-morcegos-caranguejos, cores anjos, cores empregados de mesa com grandes laços vermelhos. Mary dissera algo. Estaria zangada? E.LA não conseguia parar as palavras. Mary continuava a falar. O que dizia? E.L.A estava ainda na «pergunta» quando há muito Mary já havia proseguido no seu falar. “Pergunta”, havia dito o carrocel. Pergunta o quê? Que pergunta? A quem? Sim, E.LA tinha muitas perguntas. Tantas. Não sabia porque não as fazia. Provavelmente, não era preciso. Nasciam por todo o lado. No bule, na mesa, penduradas nas traves metálicas do carrocel... Ficava enclausurada na palavra “pergunta”. Tentava correr atrás dos vestígios de frases. Pedir a Mary que abrandasse o ritmo. Dizer-lhe que, por muito interessante que fosse o assunto que esta tratasse, não conseguia acompanhá-la. Deixara-se atrasar, ou enveredara por atalhos que fugiam à frase ouvida. E quando há perguntas, há diálogo, pensava E.LA, retomando o seu raciocínio inicial. No entanto, não havia respostas. É preciso fazer as perguntas. Não posso só observá-las, mas ao observá-las não deixam de ser perguntas. Se calhar basta fazer respostas. Quando há resposta é porque há pergunta. Logo, se crio resposta, crio pergunta. E.L.A gritou então «Está uma folha de alface amarrotada no chão », e depois «acho que disse está uma folha de alface amarrotada no chão», seguido de «vou passear», e de «hoje não volto». Não conseguia entender se estava efectivamente a responder a Mary, ou se estas eram apenas respostas que punham em prática o seu plano: criar perguntas através de respostas. Distinguía apenas uma reacção de Mary. Um riso estranho cujo volume assumia proporções desconhecidas. Demasiado elevado, por vezes. Quase imperceptível, outras vezes. Estaria a rir-se de E.LA?

Mas...antes que pudesse elucidar-se, o carrocel que acelerara, projectou-a para longe.

Estranhamente, E.LA não se sentia magoada pelo tombo. Este parecia aliás não ter tido fim, visto E.L.A não ter sentido o pouso. Se calhar ainda estou a cair, pensou. Em todo o caso, sinto chão. Não sei se posso continuar a cair se estou no chão. Mas sinto os pés sugarem o estômago e puxarem a cabeça, sinto o pavimento mole, abrir uma cova pujante que me atrai. Olho para baixo e não vejo abismo, não tenho vertigens. E, no entanto, abre-se progressivamente sob mim um buraco. É este que se aprofunda à medida que caio, não sou eu que caio por este ser fundo. Sinto-me como se andasse contra o vento. Sou eu que lhe imponho uma abertura moldada à minha dimensão. A única diferença é que o vento é horizontal e, quando em direcção oposta, pede-me que recue, não quer que eu entre no ar. Ao contrário, a minha queda é vertical e seduz-me, chama-me, protege-me. Atordoada da queda, E.L.A não abria ainda os olhos. Estava quente, aconchegada, tentava explorar a escuridão acolhedora do tombo. Tinha a certeza que esse corredor não acabava. Avançava segura e via o escuro confortável, depois mais escuro, depois podia vislumbrar formas, algumas cintilantes, outras apenas coloridas, só as que desejava, quando as desejava, porque o escuro cedia-lhe inexoravelmente. Sempre que pretendia apagá-las, voltava para o escuro apaziguador. Encontrava-se desta forma embebida em impulsos, enroscada no colo dos olhos fechados, quando ouviu um Suspiro:

-Ahhhh! Ela está a chegar! Ela vem aí! Vamos vê-la! Mexam-se! Vamos vê-la!

E.L.A ousou activar as pestanas. Continuava nos bosques. Porém, já não havia sinal do carrocel. Agora, prateleiras inteiras de pastelarias passavam por E.L.A a correr, eufóricas, pululantes. Então sempre descobrira onde vieram parar todas as sobremesas dançantes! Levantando-se dificilmente, visto que tropeçavam constantemente nela pasteis de nata, bolos de côco, palmiers, ou tartes de fruta, E.L.A, dirigiu-se ao Suspiro roliço, o único que permanecia no mesmo sítio, embora gesticulasse e saltitasse efusivamente:

-Desculpe, mas já estou aqui.

-Sim, menina, ainda bem, mas não é aqui. É ali! Ali!

E apontava para o fundo do bosque, que àquela hora era invisível, porque a luz solar incandeava. E.L.A insistiu:

-Mas eu estou aqui.

-Não, não, não. Não é aqui! É A-L-I !!

-Posso saber o que é que vão todos fazer para ali, se eu estou aqui ?

-Vamos ter com ela! O que é que te parece ?

Cada vez mais confusa, E.L.A retorquiu.

-Mas, se eu já lhe disse que estou aqui.

-Pois, está bem, faz o que quiseres, mas nós vamos para ali!

-Eu estou aqui!

-Não achas que és um bocado egocêntrica?

E.L.A não entendia. Poderia encontrar-se em dois sítios ao mesmo tempo? Existiria outro “ela”? Porque o “ela” era E.L.A e se ela estava ali, então quem era o “eu” aqui?

-Não podem ir ter com E.L.A, porque eu sou E.L.A e eu estou aqui!

Respondeu zangada.

-Isso querias tu, seres “eu” que é ela! Deves julgar que sou parvo! Eu sei muito bem quem ela é e não é nem “tu”, nem “eu” ! Vê se ficas mas é calada para eu acabar de avisar os outros!  
Exclamou, já sem paciência.

- Ah, é ?! Então diz-me lá quem E.L.A é.

- Ela é...não há palavras, não há palavras!

“Bonito!”, pensou E.L.A.

- Nesse caso, vou convosco! Sempre gostava de saber quem E.L.A sou!

Pôs-se assim a caminho para o fundo do bosque com todos os outros doces e, como não podia deixar de ser, um ou outro amargo de boca. Depois de muito andar, quase sempre empurrada pelos habitantes apressados, chegou a uma enchente de sobremesas estáticas. Aqui, devia agora ser ali. Avistava a boca luminosa de um túnel de ramagens. Conseguia distinguir o que lhe pareciam ser dois olhos enigmáticos, sem cor definida. Depois de algumas pisadelas e cotoveladas quanto baste, pôde observar um pouco mais. Ela caminhava pelo corredor verdejante, de passos decididos, de pedras serenas, de rosto iluminado, de terra prateada, aproximava-se, cada vez mais, cada vez mais. E.L.A não conseguiu evitar um sorriso desconfiado. Quem é esta ?! Depois do episódio do chá, não tinha a certeza de que Ela existisse. Ninguém tem pestanas tão longas. Onde? Os cabelos? Os pés? Tem unhas? Parece de mármore. Mas respira. Tem as faces rosadas. Não está envergonhada, não pôs blush, não transpira, não está ofegante. O imaginário de E.L.A folheava personagens com as quais Ela se pudesse identificar. Porém, não havia páginas no imaginário. Só presenças, sensações disformes, indefiníveis. Era como ter os olhos vendados e atirar a mão para dentro de um poço que cheira a gente. Sentir que lá se encontram seres e tentar segurá-los, resgatá-los para fora. Alguns serão apanhados pelos cabelos, outros far-nos-ão cócegas até que os libertemos. Parecem tão divertidos e aconchegados que não querem sair. Será que existem? Esquecida momentaneamente dos habitantes melosos que a envolviam, canalizou toda a sua atenção para aquela figura. Analisava-a, estudava-lhe os movimentos, franzia as sobrelhas quando se deparava com algum pormenor ambíguo. Procurou um pé de cabra, uma cauda de sereia, ou um rabo de serpente...Nada, a dama da floresta não manifestava qualquer vestígio lendário. Para encontrar nela traços de Perrault, Grimm, ou Anderson, tentou descrevê-la interiormente, transpor para palavras a imagem que tinha à frente. Nada. Não saía nada. Estava repentinamente em branco. Para ela, palpar imagens era fácil. Fácil era ver o que se quer e o que não está no que é. Fácil era também não ver o que é, ou o que é e que não está. Sempre tinha deixado livre curso às imagens. Deixava que a atravessassem como se E.L.A não existisse, como se o seu corpo fosse translucido, sentido apenas por imagens. Talvez não o fossem. Sentia ventos contínuos de figuras, cores, de sombras descontínuas, de escorregas sem leito, de caminhos por terminar, de sons que se disputam. Não tivera nunca de os prender, de os parar. Corriam. Real? Banda desenhada? Quando tudo se transforma. E no entanto falava...Pôr tudo isto em palavras... Era prendê-las? E no entanto falava... Prendera alguma vez? Ditas por outros. Recebera imagens ditas por outros. Deixavam de ser palavras. Passavam para este borbulhar de champagne. Era uma alquimia que tinha facilidade em fazer. Mas o contrário...passar o crepitar do caos para palavras? Ela não era palavras. Seria imagem? As imagens não se definem. São fluidas, desfocadas. E as palavras... Peçam-me para descrever um sonho pormenorizadamente. Posso? Agarrá-lo? E não fui eu que o tive? E quem o poderá fazer melhor do que eu? E não sei a cor dos olhos.

Por vezes sei. Mas em palavras não parece a cor dos olhos sonhados. Fica outra. Outra imagem. Olhava-a de várias perspectivas diferentes. Se fosse de papel, tê-la-ia virado em todos os sentidos, abanado, molhado, rasgado, amachucado. Após ter dado continuação à desarrumação de todo o seu imaginário, sem conseguir pronunciar, ainda que mentalmente, uma única palavra, concluiu: “Ela existe”. E.L.A existia afinal, porque não consigo dizer o que é e não consigo dizer a Ela. E no entanto tinha cor de fada. Agora Ela parecia querer murmurar. “Bastou saber que Ela existe, para que Ela falasse”, pensou. Pois E.L.A enganou-se!...ou talvez não. Sem palavras, sem sons. Sem palavras! Ela preferira-lhes rosas. Dos lábios expelia rosas. Face a cada habitante por que passava entreabria os lábios rubros e soltava um sulco de pétalas, caules e espinhos. Pareciam entendê-la. Estavam todos familiarizados com a hermenêutica peculiar das palavras/pétalas. Alimentavam-se delas. Aguardavam-na calmamente. Admiravam-na. E.L.A via a sua vez chegar. Não havia fila organizada. Ela seguia um percurso aleatório, mas esgueirando-se entre uns e outros não esquecia ninguém. Ela deteve-se à sua frente e sorriu-lhe. E.L.A não entendia se de forma maléfica, ingénua, ou condescendente. A dama enigmática deixou-lhe uma rosa nas mãos e continuou a deambular por entre o esvoaçar do tecido que a cobria. Não entendo. Não entendo. O que é que eu faço com isto?! Embora não deixasse de considerar que todo aquele espectáculo de doces era uma lamechice enjoativa e estivesse decidida a manter uma certa distância relativamente àqueles seres suspeitos, E.L.A sentia crescer em si a ânsia de descobrir que comunicação secreta era aquela que partilhavam os caramelos.

- A que sabem as rosas? perguntou.

O palmier olhou-a de soslaio:

- Nunca provaste palavras?

- Já! Claro que sim!

Mas de mãos pequeninas, às suas cavalitas, abraçando-lhe o pescoço para não cair, e de sorriso colado ao seu ouvido, espreitava a dúvida: “Achas ? Achas? Achas mesmo? Porquê? O quê? Era de quê? Sabia a quê? ”

- Está quieta! Está calada! Tenho a certeza! Já provei palavras, sim senhora.

O palmier ficou cristalizado, entre o desconfiado e o preocupado. Era natural, não via a dúvida.

Contudo a dúvida lá estava, irrequieta e continuava: “ Ah é? Ah é? Como é que sabes? E se não é o que tu pensas?! Ah! Pois! Sabes de que palavras é que ele está a falar?”. A pouco e pouco a dúvida foi descendo das costas dEla e em poucos segundos tornou-se adulta. Ela tinha agora à sua frente uma mulher carismática que lhe repetia “Como podes ter a certeza?” “Porque é que respondeste tão imediatamente?”, “Não sabes...”, “Não fales...”, “Não tens a certeza...”, “Tens medo?”, ao que se seguia uma série de perguntas.

- ...

Ela emudeceu. Não sabia se a dúvida era uma presunçosa que nada mais fazia senão atear mais ainda o seu caos, ou se lhe deveria dar razão. A dúvida estava cada vez mais segura, mais bela, mais vigorosa.

Perante a figura paralisada dEla, o palmier encolheu os ombros e afirmou:

- A rosa sabe a todas as palavras.

A resposta bastou-lhe. Rasgando o envólucro de turpor em que se encontrava, Ela devorou impulsivamente a rosa que guardava na mão.

Começou por se sentir perdida. O impulso dever-se-ia à palavra, ou a palavra ao impulso? Já nem os doces lhe pareciam tão melosos, nem a dúvida tão inibidora. Observou em redor. Não havia doces. Não havia dúvida, nem dama das rosas. No sofá à sua frente, apenas a voz apaziguadora “Então até para a semana”.

FIM